



**Comportamento sexual,
uso de preservativos e
contracepção de emergência
entre adolescentes
do município de São Paulo:**

**estudo com estudantes de
escolas públicas de Ensino Médio**

**Regina Figueiredo
Lígia Rivero Pupo
Maria Cecília Goi Porto Alves
Maria Mercedes Loureiro Escuder**

**Comportamento sexual,
uso de preservativos e
contracepção de emergência
entre adolescentes
do município de São Paulo:**

**estudo com estudantes de
escolas públicas de Ensino Médio**



Instituto de Saúde
Rua Santo Antonio, 590 – Bela Vista
São Paulo – SP CEP: 01314-000
www.isaude.sp.gov.br
Ano 2008

**Comportamento Sexual, Uso de Preservativos
e Contracepção de Emergência
entre Adolescentes do Município de São Paulo -
estudo com estudantes de escolas públicas de Ensino Médio**

ISBN 978-85-88169-14-2 Comportamento Sexual, Uso de Preservativos e Contracepção de Emergência por Adolescentes do Município de São Paulo - estudo com estudantes de escolas públicas de Ensino Médio

Elaboração:

Regina Figueiredo
Maria Cecília Goi Porto Alves
Maria Mercedes Escuder
Lígia Rivero Pupo

Auxiliar de Pesquisa:

Neuber José Segri

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Comportamento Sexual, Uso de Preservativos e Contracepção de Emergência por Adolescentes do Município de São Paulo - estudo com estudantes de escolas públicas de Ensino Médio /organizado por Regina Figueiredo [et al.]. São Paulo: Instituto de Saúde, 2008.

38p.

ISBN 978-85-88169-14-2

1. Adolescente 2. Saúde Reprodutiva 3. Prevenção de Aids I. Figueiredo, Regina.



Instituto de Saúde
Rua Santo Antonio, 590 – Bela Vista
São Paulo – SP CEP: 01314-000
www.isaude.sp.gov.br
Ano 2008

Sumário

Apresentação.....	5
1. Introdução.....	7
2. Objetivos e Metodologia	9
3. Resultados	12
3.1 Perfil Geral dos Entrevistados	12
3.2 Conhecimento dos Métodos Contraceptivos.....	15
3.3 Prevenção na Escola.....	18
3.4 Assistência em Saúde Sexual e Reprodutiva	18
3.5 Práticas Sexuais e Contraceptivas	19
• Uso de Contracepção de Emergência:.....	24
• Uso Repetido da Contracepção de Emergência:.....	26
• Método de Uso Atual:	28
• Relação do Uso de Contracepção de Emergência com o Uso de Preservativos:.....	29
4. Conclusões.....	31
Bibliografia.....	35

Apresentação

Na última década, o incremento de pesquisas sobre comportamentos sexuais e reprodutivos de jovens brasileiros, tem como intuito, não apenas, retratar as práticas dessa população, mas, principalmente, proporcionar informações que possibilitem a promoção de sua saúde preventiva, mais especificamente das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e do HIV/aids, ao mesmo tempo em que busca proporcionar a possibilidade de planejamento de gestações, para que estas não ocorram de forma indesejada.

No Brasil, eventos como a gestação, o parto, e o aborto são fatores determinantes de morbi-mortalidade entre a população adolescente feminina (DATASUS, 2008). Por esse motivo, tais temas são relevantes e merecem ser abordados e considerados em ações de saúde preventiva.

Esta publicação pretende apresentar os resultados da pesquisa “Contracepção de Emergência entre Estudantes de Ensino Médio e Público do Município de São Paulo”, realizada pelo Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, que investigou comportamentos sexuais e preventivos de adolescentes.

Espera-se que seus resultados sejam utilizados para subsidiar as políticas de prevenção de DST/aids entre jovens e adolescentes, possibilitando a produção de materiais e proposição de práticas educativas, além da re-orientação de serviços de saúde dirigidos a este público.

1. Introdução

A Presença da Contracepção de Emergência Hoje

A contracepção de emergência (CE) na forma de comprimidos orais começou a ser estudada como método contraceptivo pós-coito em 1970, por Albert Yuzpe (WHO, 1998) e, após a comprovação de sua eficácia, começou a ser disponibilizada em países europeus. Inicialmente sua composição, denominada forma “Yuzpe”, era feita com o uso de pílulas orais comuns combinadas (etinil-estradiol e levonorgestrel), com orientação de utilização de duas doses, sendo a primeira dose até 72 horas após a relação sexual e a segunda dose, após doze horas de ingestão da primeira. Na década de 90, a forma Yuzpe foi substituída pela dose única, à base de dois comprimidos de levonorgestrel, com melhor eficácia e menores efeitos colaterais.

A contracepção de emergência tem sido recomendada pela Organização Mundial de Saúde como método contraceptivo “elegível” (OMS, 2005). É, ainda hoje, o único método que pode ser utilizado depois que a relação sexual já ocorreu, em situação em que houve risco de gravidez por qualquer motivo.

No Brasil, a orientação de uso da contracepção de emergência data de 1996, quando o Ministério da Saúde a incluiu nas Normas Técnicas de Planejamento Familiar. Essa inclusão procurou ampliar as ações do PAISM – Programa de Atendimento à Saúde da Mulher – dando resposta às situações de risco em que o método poderia ser utilizado, conforme o Ministério da Saúde (1996):

- 1) situações de estupro/violência sexual;
- 2) falhas de métodos contraceptivos de uso regular, como rompimento do preservativo, deslocamento do diafragma, expulsão do DIU ou esquecimento por mais de 2 dias da pílula anticoncepcional normal;
- 3) não uso de contraceptivo.

Especificamente, há uma preocupação com o uso abusivo do método entre jovens e adolescentes e suas conseqüências na adoção de

preservativos para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST), incluindo a aids.

Pesquisas internacionais vêm apontando que a contracepção de emergência tem aceitação e busca em situações de risco de gravidez (Raine *et al.*, 2000; Raine *et al.*, 2005) e, ainda, que sua disponibilidade, não promove o abandono ou a diminuição do uso de outros contraceptivos, incluindo os preservativos masculinos e femininos (Belzer, 2003); parece apenas complementar riscos esporádicos aos quais as pessoas já se expõem no cotidiano. Também foi observado que a população jovem e adolescente que adota métodos contraceptivos regulares e preservativos não recorre a este método de forma abusiva (Camp *et al.*, 2003).

Motivados pela falta de estudos nacionais, pesquisadores do Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids (NEPAIDS-USP), em 2000, desenvolveram um estudo exploratório sobre o conhecimento e uso da contracepção de emergência por adolescentes escolares da rede pública estadual no município de São Paulo. Os dados mostraram que 60% dos pesquisados já haviam ouvido falar ou conheciam o método e 8% já o tinham utilizado. O estudo também revelou indícios de que a utilização do preservativo não parece ser prejudicada pelo uso da contracepção de emergência, visto que aqueles que a utilizaram, continuaram a adotar o método de barreira (Figueiredo; Peres, 2001).

O estudo mencionado, contudo, não utilizou amostragem probabilística, não permitindo que seus resultados fossem inferidos, com segurança, para a população escolar, ao mesmo tempo em que não obteve informações detalhadas sobre a forma de uso da contracepção de emergência e seus impactos comportamentais entre adolescentes. Por este motivo, o Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo propôs a realização de uma nova pesquisa para, a partir de dados mais precisos e atualizados, amparar a orientação de políticas públicas de saúde sexual e reprodutiva e educação, incluindo ações de prevenção da gravidez não-planejada e das DST/aids que se mostrem convergentes entre si.

2. Objetivos e Metodologia

A pesquisa “Contracepção de Emergência entre Estudantes de Ensino Médio e Público do Município de São Paulo” foi realizada no final do ano letivo de 2006 e teve como objetivos:

- 1) Identificar conhecimentos e comportamentos em relação à contracepção de emergência dos estudantes de ensino médio regular da rede pública estadual, do município de São Paulo;
- 2) Avaliar a relação entre o conhecimento e o uso da contracepção de emergência com a utilização de outros métodos contraceptivos;
- 3) Avaliar a relação do conhecimento e uso da contracepção de emergência, nas atitudes de prevenção às DST/aids referentes ao uso dos preservativos feminino e masculino.

2.1 Plano de amostragem

A população de estudo foi composta pelos alunos de Ensino Médio das escolas estaduais do município de São Paulo. Foram excluídos dessa população pesquisada os alunos de classes provisórias, localizadas em unidades prisionais.

O sistema de referência utilizado no planejamento e sorteio da amostra foi o cadastro do Centro de Informações Educacionais da Secretaria de Estado da Educação, que registrou 367.323 alunos de Ensino Médio estadual no município de São Paulo no Censo Escolar de 2004. Os alunos da rede estadual estavam distribuídos em 8.963 classes de 476 escolas situadas nas 13 regiões administrativas do município, que, para fins de sorteio e análise de dados, foram agrupadas em quatro macro-regiões (Leste, Norte, Centro-Oeste e Sul), constituindo-se em domínios de estudo.

O tamanho da amostra foi calculado considerando-se o objetivo de estimar as proporções referentes à forma de uso da contracepção de emergência (frequência, local de obtenção, etc.) entre alunos que usaram contracepção de emergência.

Considerando, com base em estudo anterior, que este grupo é formado por 8% dos estudantes e, ainda, que deveriam ser entrevistados 470 alunos, foi calculado um tamanho de amostra de 6000 alunos ($n = 470/0.08 \cong 6000$).

A amostragem foi estratificada por conglomerados, em dois estágios: escola e classe. Os estratos foram compostos pelas por quatro regiões do Município de São Paulo: Centro-Oeste, Leste, Norte e Sul.

Dentro dos estratos, as escolas foram ordenadas por sub-região e o sorteio feito com probabilidade proporcional ao tamanho da escola (número de alunos). Para o sorteio no segundo estágio, dentro das escolas, as classes foram ordenadas por período e série, para se obter uma estratificação implícita por período e idade. Foram, então, sorteadas 4 classes em cada escola. E, finalmente, nas classes sorteadas, foram pesquisados todos os alunos matriculados.

O número de escolas a ser sorteado em cada região foi calculado distribuindo-se o tamanho da amostra proporcionalmente pelas regiões, segundo percentual de matrículas e considerando, ainda, as médias de alunos por classe e o sorteio de 4 classes por escola. Foram, dessa forma, sorteadas 152 classes, distribuídas em 38 escolas. Todos os alunos das classes sorteadas foram incluídos na amostra.

2.2 Procedimentos Operacionais

O estudo adotou, em sua estratégia de coleta de dados, orientações da Resolução 196/96, referentes a Aspectos Éticos da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, procurando preservar, ao máximo, a integridade do pesquisado e minimizar quaisquer impactos que a participação da pesquisa pudesse causar.

Todas as escolas participantes tomaram conhecimento prévio da pesquisa e assinaram uma autorização permitindo o desenvolvimento do estudo no horário de aula.

Em sala de aula, o consentimento livre informado foi entregue a cada aluno e lido coletivamente. Esse documento assegurou ao aluno a possibilidade de não participar do estudo, a possibilidade de abandonar o preenchimento do questionário a qualquer momento ou pular questões que não considerasse conveniente responder. Garantiu também o anonimato daqueles que concordassem em participar da pesquisa. Os alunos receberam os questionários depois que assinaram o termo de consentimento.

O questionário continha 69 perguntas fechadas, de auto preenchimentos. As questões relacionadas com a prática sexual do entrevistado foram colocadas estrategicamente no interior do questionário, a fim de evitar a exposição dos estudantes em relação ao conteúdo das respostas.

Procurou-se estruturar as questões de forma semelhante a outros estudos nacionais, de modo que seus resultados pudessem ser comparados.

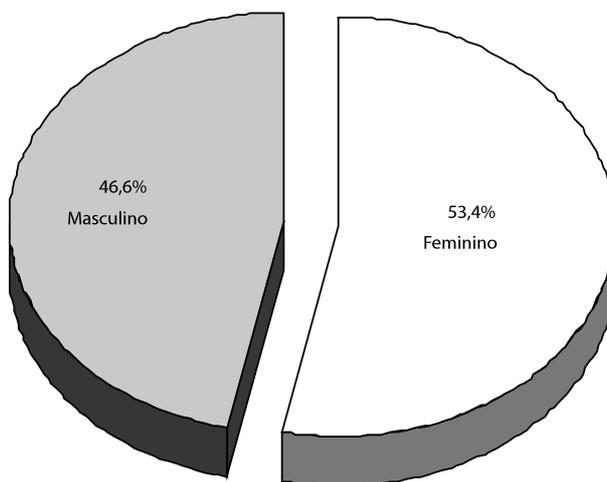
3. Resultados

Participaram da pesquisa 4.929 alunos das 152 classes sorteadas em 38 escolas estaduais de Ensino Médio no município de São Paulo.

3.1 Perfil Geral dos Entrevistados

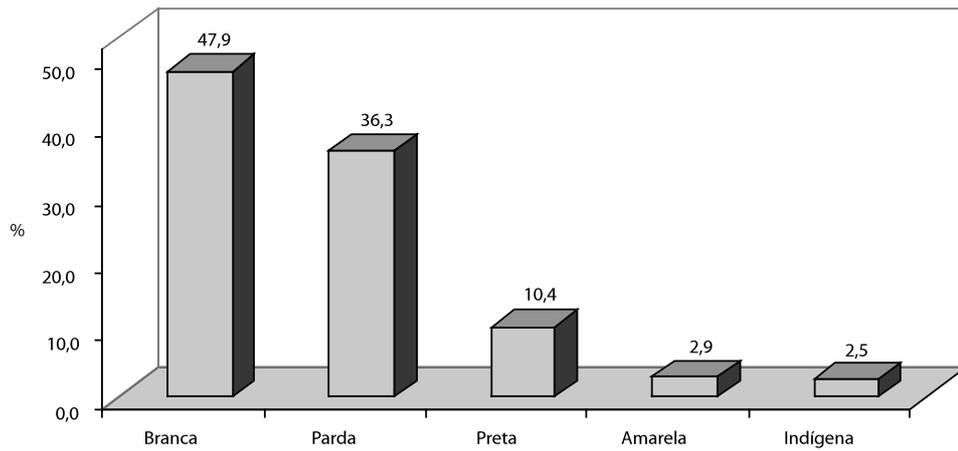
Dos estudantes de Ensino Médio do Município de São Paulo, 46,6% são do sexo masculino e 53,4% do sexo feminino, com idade média de 16,5 anos.

Percentual de estudantes, segundo sexo.



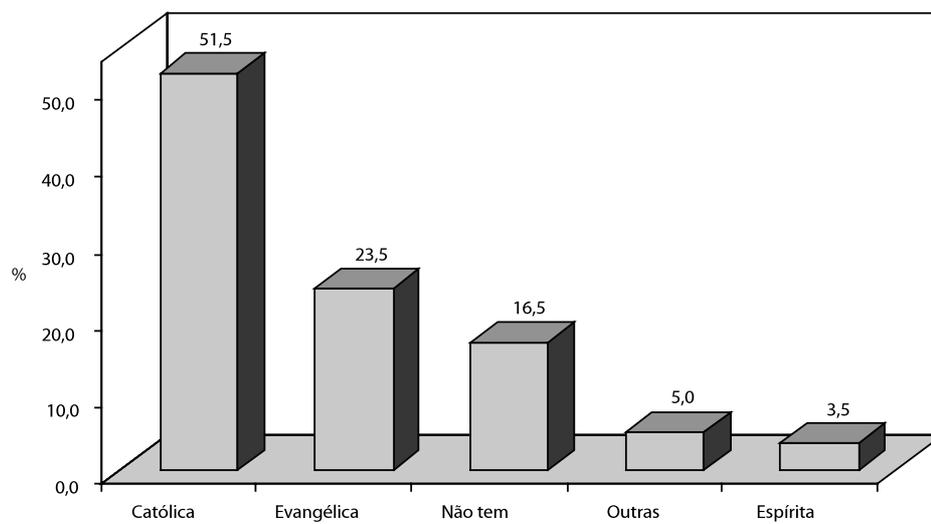
A distribuição dos alunos segundo raça/cor mostrou-se equilibrada entre a população branca (47,9%) e a negra (incluindo os pretos e os pardos, 46,7%):

Distribuição percentual dos estudantes, segundo raça/cor.



Pouco mais que a metade dos alunos (51,5%) declarou-se católica, e 23,5% evangélica:

Distribuição percentual dos estudantes, segundo religião.

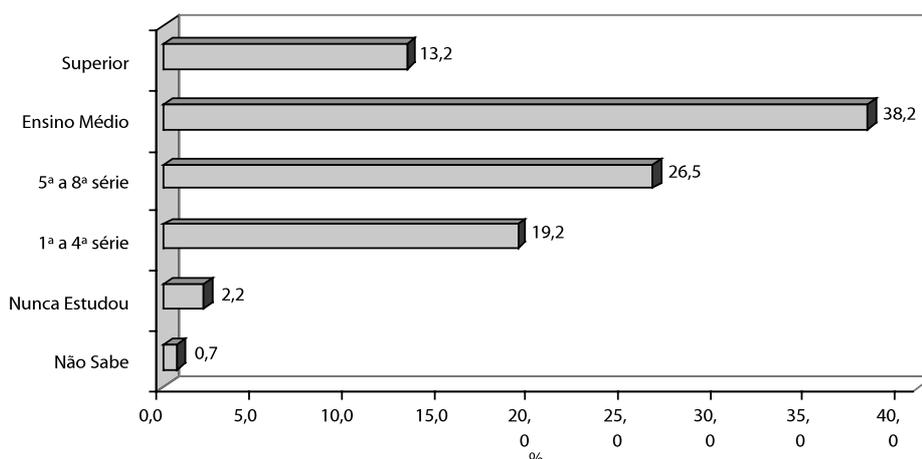


Perfil dos estudantes por período de estudo

		Matutino (%)	Vespertino (%)	Noturno (%)
Sexo	Mulheres	56,3	59,3	49,8
	Homens	43,7	40,7	50,2
Faixa etária	Até 14 anos	5,9	14,3	0,8
	15 a 16 anos	64,1	84,1	38,5
	17 a 18 anos	27,4	1,6	48,8
	19 a 25 anos	2,4	0	10,8
	Mais de 25 anos	0,1	0	1,2
Raça/cor	branca	51,9	50,0	43,3
	preta	9,5	8,6	11,5
	amarela	2,7	4,8	3,0
	parda	33,7	34,9	39,2
	indígena	2,1	1,6	2,9
Religião	católica	53,8	56,8	48,4
	evangélica	21,5	25,3	25,5
	espírita	3,7	3,1	3,2
	outras	5,2	2,6	5,1
	não tem	15,7	12,1	17,7

Como indicador do padrão sócio-econômico dos estudantes, foi levantada a informação sobre a escolaridade do chefe da família (pessoa de livre designação do entrevistado). Verificou-se, para quase a metade (47,9%) dos estudantes, que o chefe da família cursou apenas até o Ensino Fundamental.

Distribuição percentual dos estudantes, segundo escolaridade do chefe de família. Projeto CE - São Paulo - 2006



3.2 Conhecimento dos Métodos Contraceptivos

Todos os entrevistados afirmaram conhecer algum método contraceptivo. Tal conhecimento referiu-se à lembrança espontânea dos mesmos em questões abertas, não significando que haja desconhecimento de métodos que não foram referidos. Para apresentação dos resultados foram considerados os cinco métodos mais citados espontaneamente e também o coito interrompido.

A camisinha foi o método mais lembrado pelos estudantes, sendo citado por 98,3% dos entrevistados, seguido da pílula anticoncepcional (90,5%). A contracepção de emergência (ou pílula do dia seguinte) foi o quarto método mais citado espontaneamente (24,3%).

Com exceção da camisinha masculina, houve diferença significativa entre os métodos citados conforme o sexo: a pílula foi citada por 96,7% das meninas e 83,1% dos meninos; a injeção por 28,1% e 8,8%, respectivamente; a contracepção de emergência por 29,7% e 17,9%. Apenas o coito interrompido foi mais referido por meninos (2,8%) do que por meninas (1,4%).

Em relação a diferenças no conhecimento dos métodos contraceptivos, observou-se que, com exceção da injeção, mais conhecida por alunos do período noturno, não há diferença significativa no conhecimento de contraceptivos conforme o período de estudo. Os que se auto-denominaram brancos citaram mais a pílula e o DIU. Já a injeção foi mais referida por alunos pardos. A pílula foi mais citada por espíritas, da mesma forma que o DIU.

Com exceção da injeção, mais referida entre os de menor escolaridade, um numero mais abrangente de métodos foi mencionado conforme aumentava o nível de escolaridade do chefe da família.

A contracepção de emergência foi predominantemente citada entre estudantes cujo chefe de família tinha maior escolaridade (nível médio e superior).

Entre estudantes com experiência sexual, foi maior a referência espontânea de conhecimento de contraceptivos injetáveis e da contracepção de emergência. A contracepção de emergência foi mais referida por 26,9% dos que já fizeram sexo, contra 21,2% dos que não fizeram.

A experiência de gravidez por sua vez, está associada ao maior conhecimento da camisinha, da pílula, do DIU e, também, da contracepção de emergência e da injeção.

Conhecimento da Contracepção de emergência

Em pergunta estimulada sobre o conhecimento da contracepção de emergência, 85,4% dos pesquisados informaram conhecer o método. As mulheres conhecem mais a contracepção de emergência do que homens (91,8% de mulheres referiu este método, contra 77,9% de homens).

Do mesmo modo, percebeu-se que o conhecimento da contracepção de emergência foi menor entre jovens até 15 anos de idade, entre estudantes do período vespertino, e entre os estudantes negros. Em relação à religião, foi mais frequente entre estudantes espíritas.

Além disso, o conhecimento da contracepção de emergência foi maior conforme o nível escolar crescente do chefe da família.

A referência a este método foi mais frequente entre quem tem prática sexual: dos que fizeram sexo, 87,9% conhecem contracepção de emergência, contra 82,2% dos que não fizeram.

O conhecimento da contracepção de emergência foi também maior entre quem já tem experiência de uso de métodos contraceptivos: 90,0% referiram o método entre quem já utilizou algum contraceptivo, e 76,2% de quem nunca os utilizou.

A experiência de uma gravidez se mostrou igualmente associada ao conhecimento da contracepção de emergência ($P = 0,0002$). Entre os estudantes que engravidaram ou engravidaram parceiras, 94,6% conheciam o método, diminuindo para 87,3% entre aqueles que não tiveram nenhuma gravidez.

Os estudantes relataram já ter ouvido falar da contracepção de emergência, principalmente por meio de amigos e conhecidos (65,2%), na escola (48,7%) e na televisão (47,4%). Os serviços e profissionais de saúde foram referidos como meio de informação sobre esse método por apenas 20,2% dos estudantes e as farmácias, por 16,1%;

Cerca de 1/4 dos alunos (26,9%) que conheciam o método consideraram seu uso prejudicial à saúde, Entre os que conheciam os métodos, 22,2% consideraram que ele “funciona muito para evitar filhos”, 54,1% que “funciona um pouco”. Entre os alunos entrevistados, mais da metade (55,2%) conheceu alguém que já utilizou contracepção de emergência, sendo que, em 76,1% dessas vezes, a pessoa que o utilizou era outro adolescente. Entre os que já ouviram falar do método, 59,1% afirmaram que o indicariam para alguém, em caso de necessidade.

3.3 Prevenção na Escola

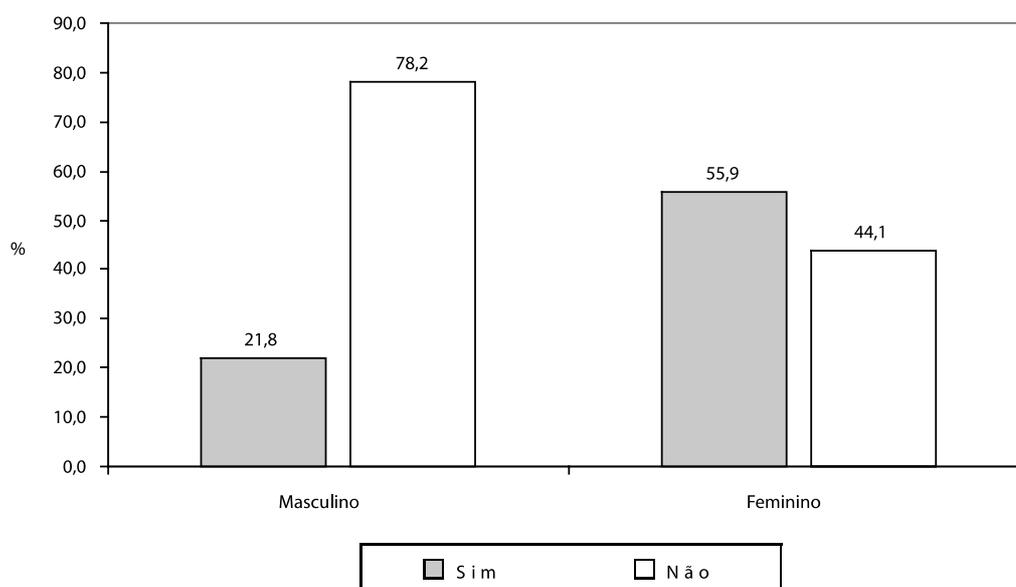
A pesquisa apontou que 63,1% dos entrevistados já tiveram aulas ou atividades abordando sexo/sexualidade na escola, embora a maioria (55,7%) tenha afirmado que nunca recebeu materiais educativos sobre esses assuntos. Os temas mais referidos foram: a prevenção de gravidez e a prevenção de DST/aids, inclusive o uso de preservativo. Não houve diferença na referência a tais temas, segundo as regiões de estudo.

Apenas 27,0% dos alunos relataram ter recebido informação sobre a contracepção de emergência na escola, e 15,0% receberam algum material educativo sobre este método. Em geral, os estudantes consideraram a abordagem insuficiente e 86,3% gostariam de mais informações sobre o método.

3.4 Assistência em Saúde Sexual e Reprodutiva

Em relação à assistência à saúde sexual e reprodutiva, 40,4% dos estudantes pesquisados já haviam passado em serviços de saúde para examinar os órgãos sexuais/reprodutivos, principalmente as mulheres (55,9%). Contudo, apenas um número reduzido de rapazes já havia recebido este tipo de assistência (21,8%).

Percentual dos entrevistados que já passaram em consulta médica para ver os órgãos sexuais, segundo sexo. Projeto CE - São Paulo - 2006

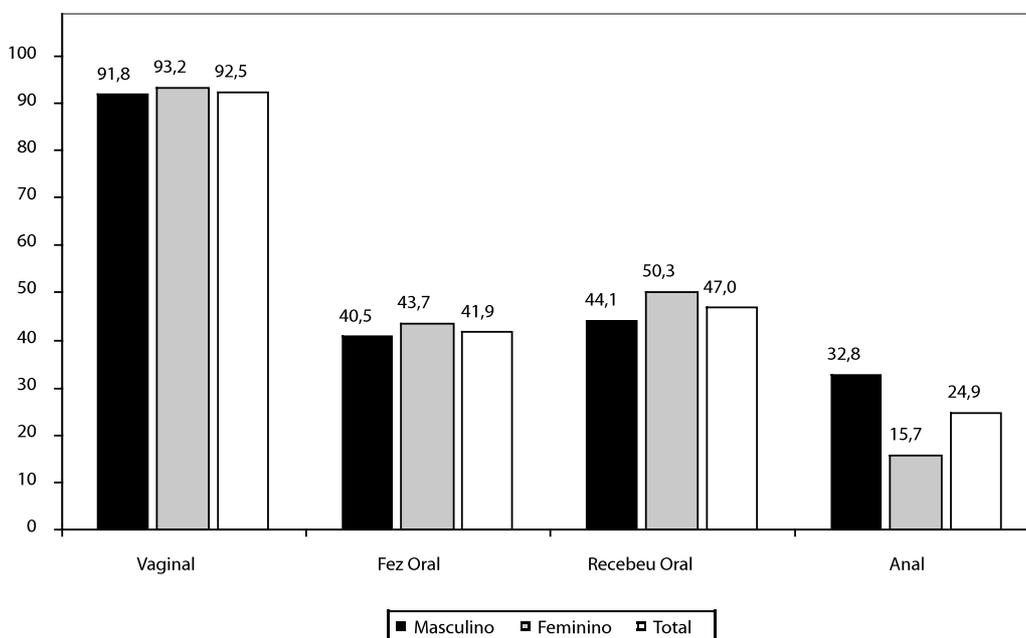


Com relação a problemas referentes à saúde sexual e reprodutiva, 65,6% dos estudantes nunca tiveram nenhum tipo de sintoma/problema em seus órgãos sexuais e reprodutivos. Dos 34,4% que tiveram, o problema mais freqüente foi o corrimento, referido por 20,3% dos adolescentes, seguido de ardor ao urinar (16,9%). Esses sintomas foram mais freqüentes entre as mulheres (40,2%) do que entre homens (17,4%). No entanto, a proporção de estudantes do sexo masculino que relataram feridas genitais foi mais que o dobro da observada para o sexo feminino.

3.5 Práticas Sexuais e Contraceptivas

Entre os entrevistados, 55,6% já mantiveram relação sexual. A primeira relação sexual ocorreu, em média, aos 15 anos, acontecendo um pouco mais tarde para meninas (15,4 anos) do que para os meninos (14,6 anos). Entre os que já iniciaram sua vida sexual, 92,5% já fizeram sexo vaginal, 41,9% fizeram sexo oral em parceiros(as); 47,0% receberam sexo oral de parceiros e 24,9% já haviam praticado sexo anal.

Distribuição percentual de estudantes, segundo tipo de prática sexual realizada e sexo. Projeto CE - São Paulo - 2006

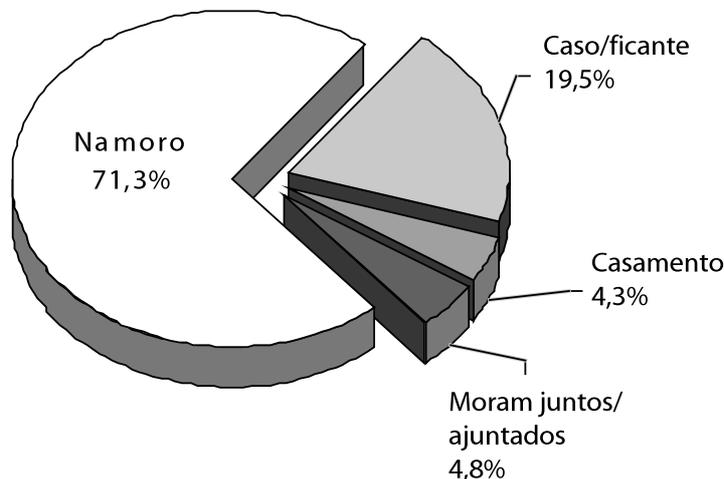


Apenas 1,1% dos sexualmente ativos praticaram sexo exclusivamente com pessoas do mesmo sexo. Entre os homens 0,9% relataram ter tido experiências homossexuais e entre as mulheres 1,3%.

Entre aqueles que já iniciaram sua vida sexual, 81,9% mantêm

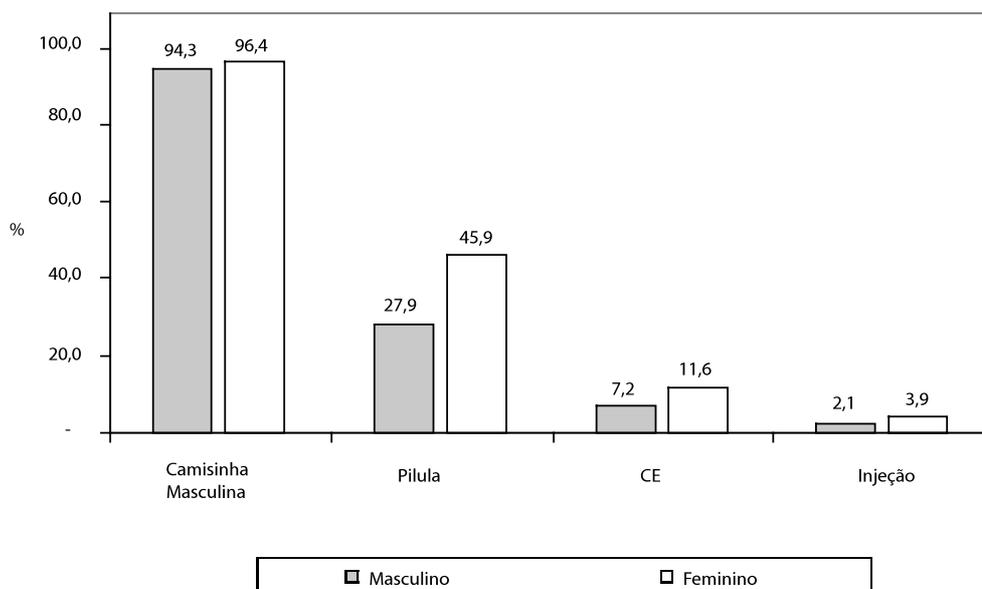
atualmente relações sexuais sendo 72,7% com parceiros fixos. Na grande maioria dos casos (98,8%, esses parceiros fixos são heterossexuais, sendo que 9,1% dos alunos vivem relações estáveis e já têm residência estabelecida com esse(a) parceiro(a) fixo(a).

Distribuição percentual dos estudantes segundo tipo de relacionamento.



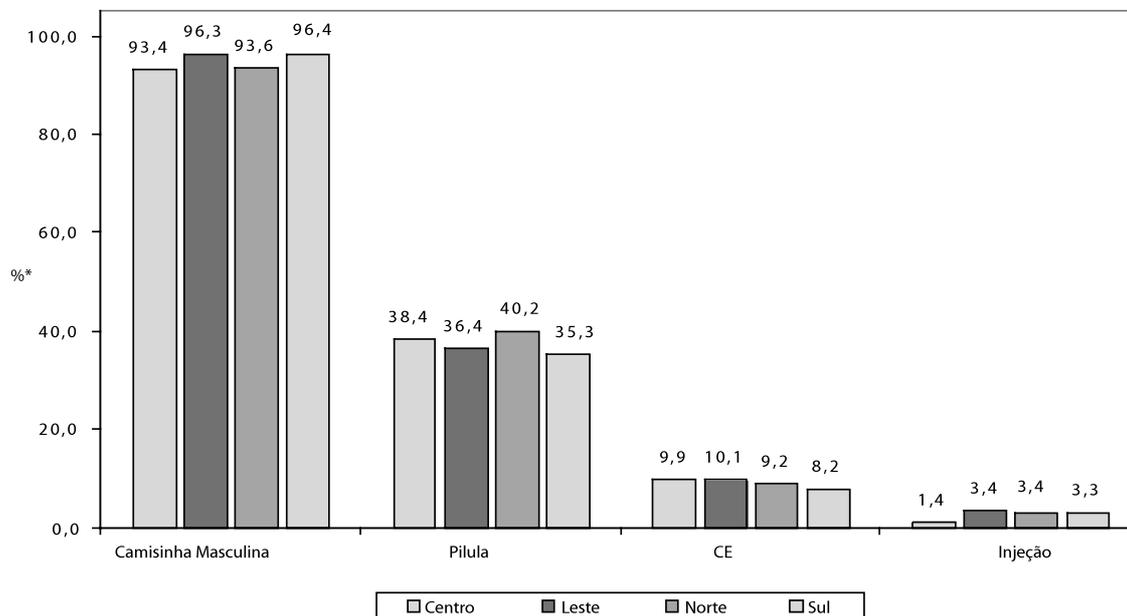
Considerando as respostas espontâneas sobre o uso de métodos contraceptivos, 85,9% dos alunos que já mantiveram relações sexuais afirmaram já ter utilizado algum método. O método mais referido foi o preservativo, (95,4%), seguido da pílula anticoncepcional (37,1%); e da contracepção de emergência.

Uso de métodos, segundo sexo.



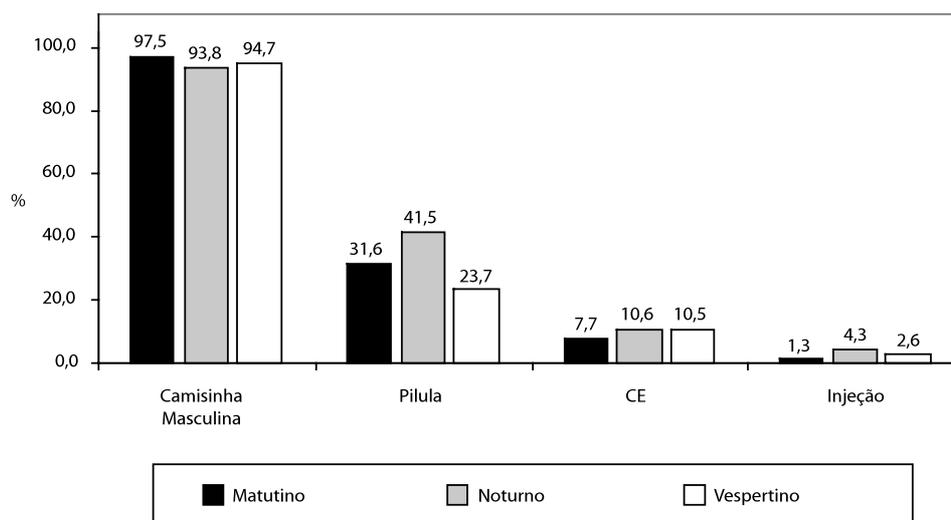
A região de estudo não é um fator que interfere na experiência de uso na vida de nenhum tipo de contraceptivo ($P > 0,05$).

Uso de métodos, segundo região. Projeto CE - São Paulo - 2006



A camisinha foi mais usada entre estudantes do período matutino do que do noturno e tanto a pílula como a injeção foram mais utilizadas no período noturno;

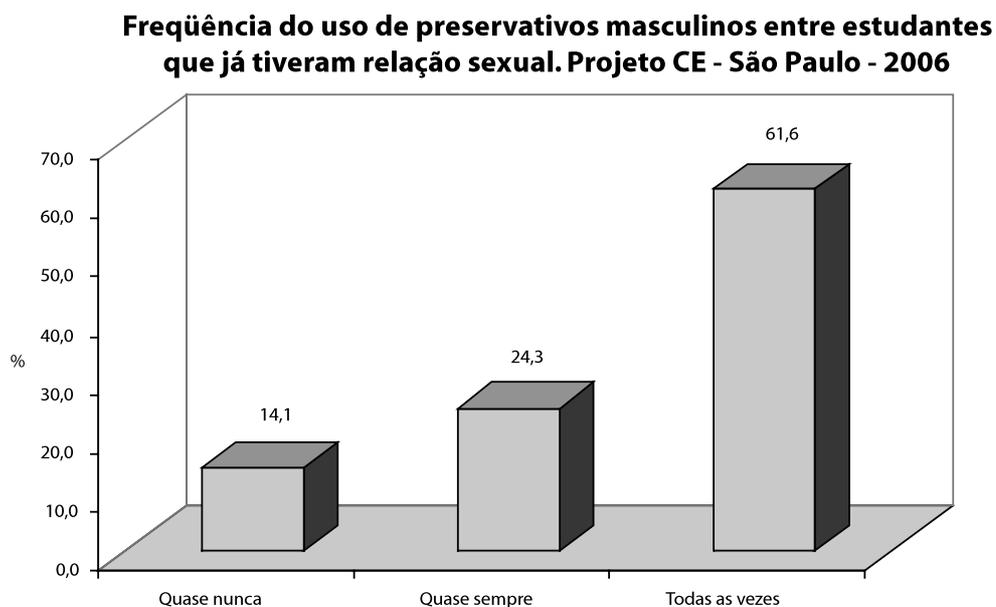
Uso de métodos, segundo período. Projeto CE - São Paulo - 2006



Este estudo indicou que a faixa etária influencia apenas a experiência de uso da pílula ($P = 0,0000$): quanto maior a faixa, maior também

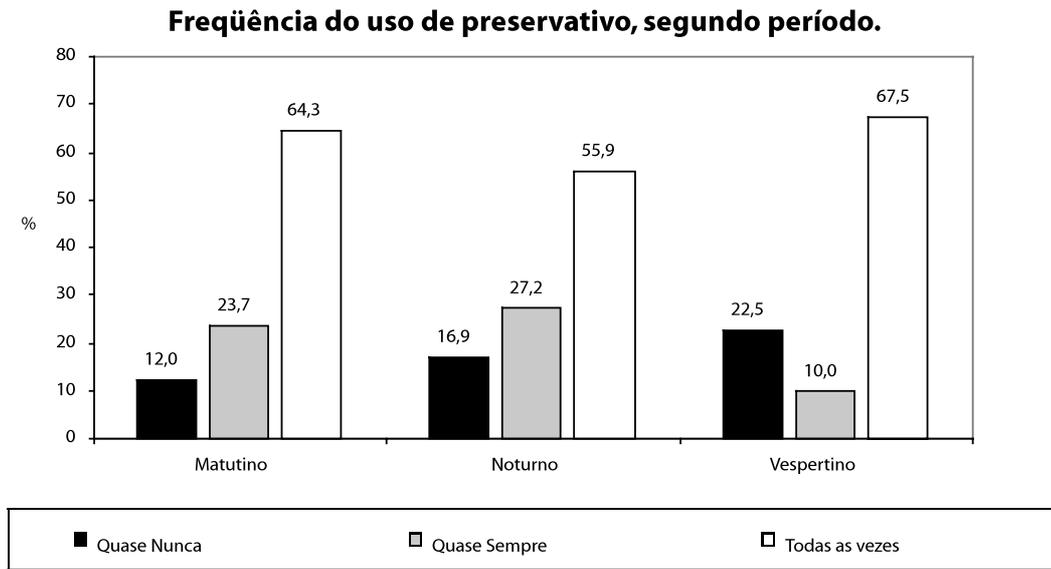
o uso deste método. Já a ocorrência de gestações foi um fator importante para o uso de todos os métodos contraceptivos à exceção do preservativo, mais utilizado entre quem não engravidou.

O preservativo masculino foi utilizado por 88,7% dos estudantes que tiveram relações sexuais; sendo que 61,6% afirmaram utilizá-lo em todas as relações.



As meninas referiram menor uso de preservativo (84,3%), do que os rapazes (92,7%). O uso regular do preservativo (em todas as relações) também foi menor entre as adolescentes do sexo feminino: apenas 51,5% relataram um uso regular desse método, contra 66,2% dos rapazes ($P=0,0000$).

O uso regular do preservativo masculino entre os alunos do período noturno foi 15 a 20% menor do que nos outros turnos ($P = 0,0002$)

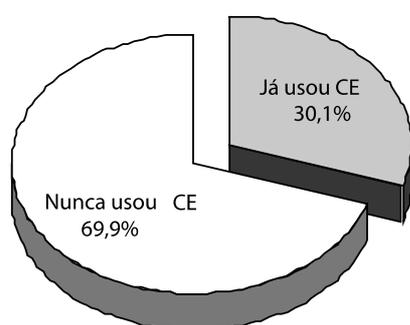


Uso de contracepção de emergência

Mais da metade dos entrevistados (55,2%) já havia conhecido alguém que tinha utilizado a contracepção de emergência. Esse percentual foi maior (89,3%) entre os estudantes que já utilizaram o método.

O uso de contracepção de emergência foi referido por 30,1% dos pesquisados que já tiveram relações sexuais, tanto pelas meninas entrevistadas, como pelos meninos em relações com suas parceiras.

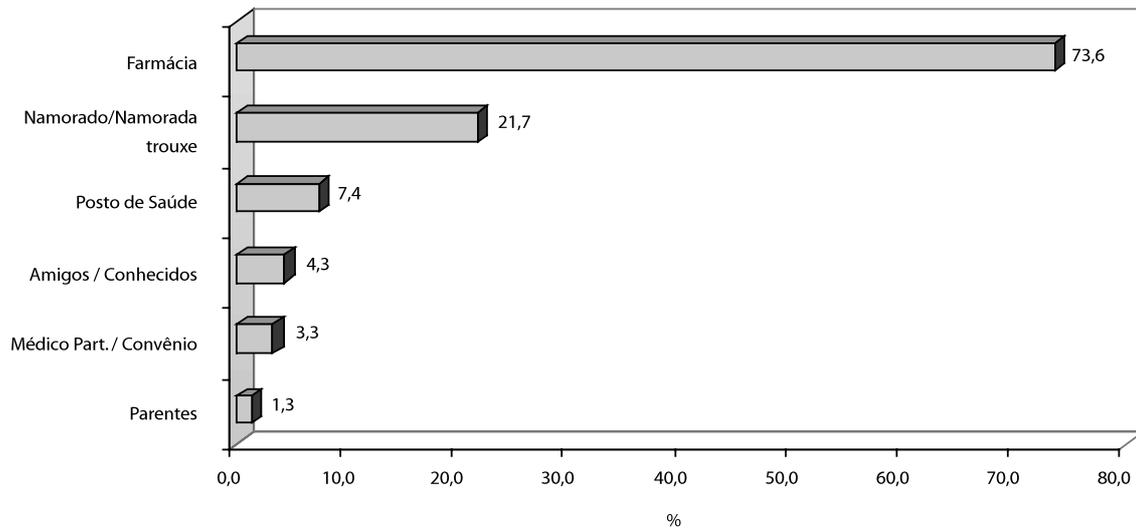
**Percentual de entrevistados que já utilizaram CE
(entre os que já tiveram relações sexuais)**



Entretanto, o uso desse método foi mais relatado pelas mulheres (37,0%) do que pelos homens (23,6%). A menor percentagem masculina pode apontar o desconhecimento do uso pelas parceiras.

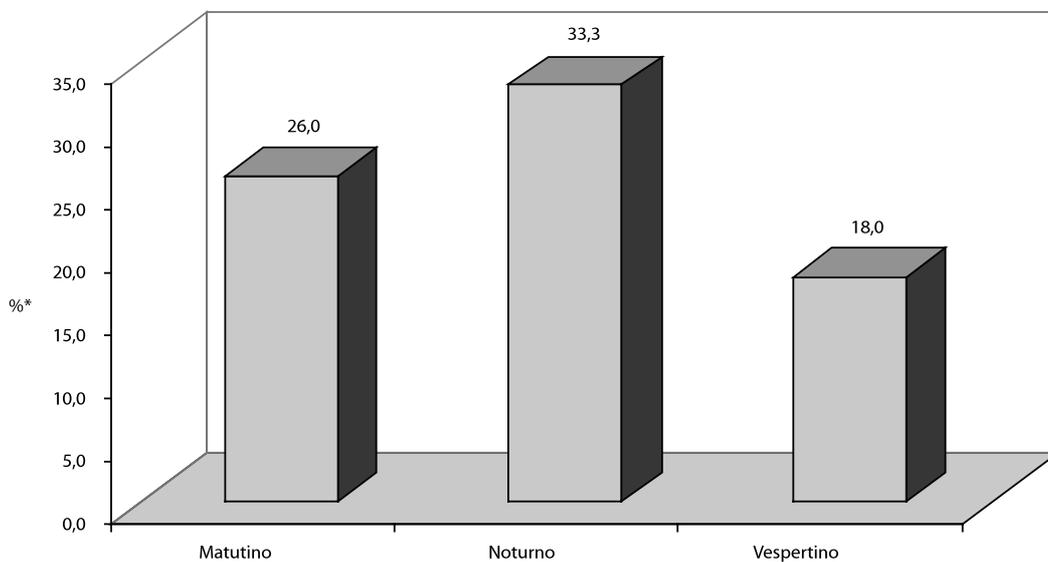
O principal local de obtenção da contracepção de emergência para os que referiram seu uso foi a farmácia (73,6%), seguido dos parceiros sexuais. Apenas 10,7% adquiriram este método em serviços de saúde ou com médicos, o que mostra que a compra ocorre normalmente sem receita médica.

Distribuição Percentual dos estudantes, segundo forma de obtenção de CE.



O uso da contracepção de emergência ocorre mais entre estudantes do período noturno.

Percentual dos estudantes que utilizaram CE, segundo período.



O uso da contracepção de emergência aumentou com a idade. Não houve diferença significativa de uso por sexo, nem por raça/etnia, ou escolaridade do chefe da família. Entretanto, foi possível perceber um maior uso entre os alunos espíritas (44,6%) e entre alunos com parceria fixa (76,2%).

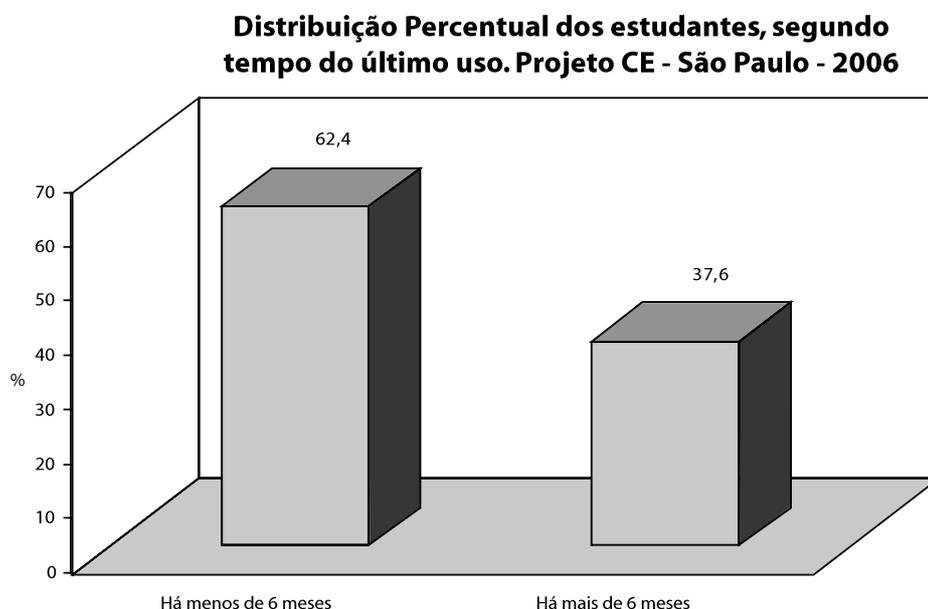
A ocorrência de gravidez esteve relacionada com o uso da contracepção de emergência, pois entre os alunos que já engravidaram ou engravidaram uma parceira, o uso foi de 50,4%, contra 25,6% entre aqueles que não tiveram nenhuma experiência relacionada a gravidez.

A ocorrência de gestação não-planejada também foi um fator relacionado ao uso da contracepção de emergência entre os que fizeram sexo: 51,4% entre quem já engravidou, e 32,5% entre quem não engravidou.

Uso Repetido da Contracepção de Emergência

Entre todos os estudantes entrevistados, 16,9% acreditavam que a utilização da contracepção de emergência poderia ser freqüente. No entanto, entre aqueles que já haviam feito uso desse método, a maioria afirmou que o uso deveria ser esporádico: 39,9% consideraram que deveria ocorrer somente “às vezes” e 40,7% que deveria ocorrer “quase nunca” ou “nunca”.

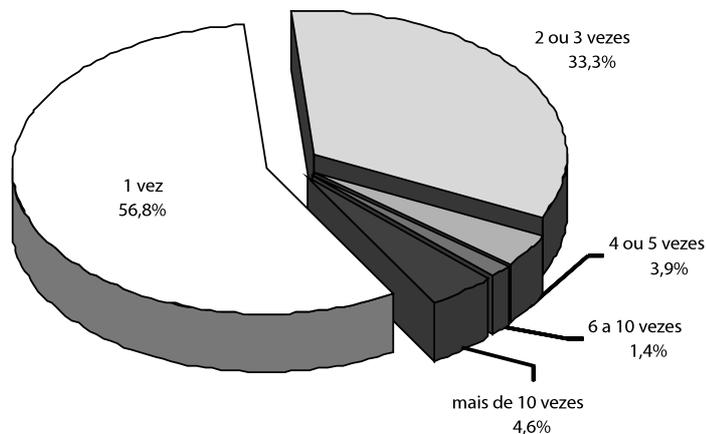
Entre os usuários do método na vida, 37,6% utilizaram pela última vez há mais de 6 meses e 62,4% há menos de 6 meses (57,7% de meninas e 70,1% de parceiras de rapazes heterossexuais).



A contracepção de emergência quando se considera tanto o uso na vida quanto o último uso , foi utilizada após o sexo praticado com parceiro regular (78,3% e 85,5% respectivamente).

Quase metade dos estudantes que utilizaram a contracepção de emergência na vida (46,2%) repetiram seu uso posteriormente. Entre os que usaram esse método nos últimos 6 meses, 56,8% o fizeram apenas 1 vez; 33,3% de 2 a 3 vezes; e 9,9% acima de 4 vezes, sendo 4,6% acima de 10 vezes.

Distribuição Percentual do número de vezes do Uso de CE, nos últimos 6 meses. Projeto CE - São Paulo - 2006

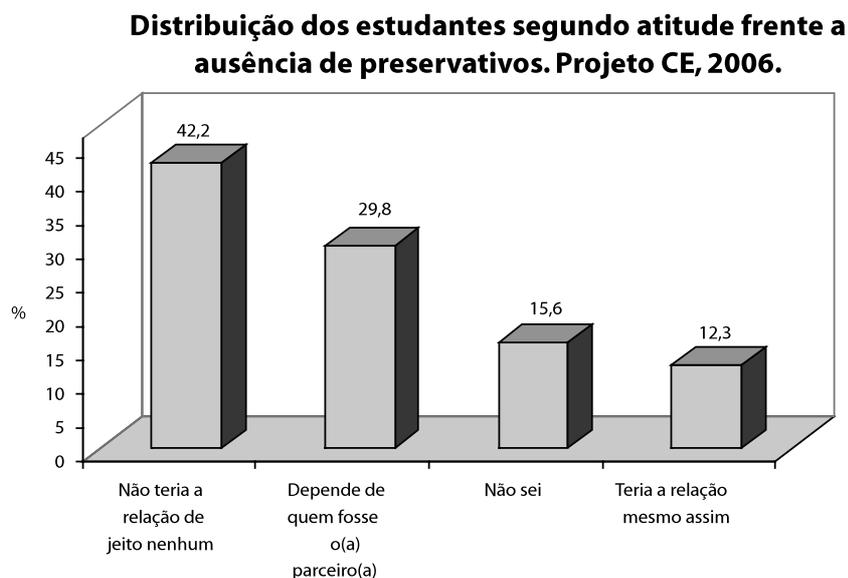


Método de Uso Atual

Atualmente, 86,9% dos estudantes entrevistados que mantêm relações sexuais usam algum método contraceptivo. Os métodos utilizados (citados espontaneamente) são principalmente o preservativo masculino (67,4%), a pílula com camisinha (19,1%) e a pílula anticoncepcional exclusivamente (9,4%).

Em pergunta estimulada, o uso atual de preservativo foi apontado por 72,4% dos estudantes. Na última relação, este uso foi de 76,2% (inclusive associado à pílula) e o uso de contracepção de emergência foi feito por apenas 0,5% (7 pessoas).

A principal motivação para o uso de preservativo foi a prevenção da gravidez (72,3%) seguida da preocupação com a prevenção das DST/aids (63,7%). Contudo, cerca de 12,3% do total de pesquisados afirmaram que teriam a relação sexual mesmo que estivessem sem preservativo; este percentual é de 15,1% entre os que afirmam utilizar atualmente o preservativo.

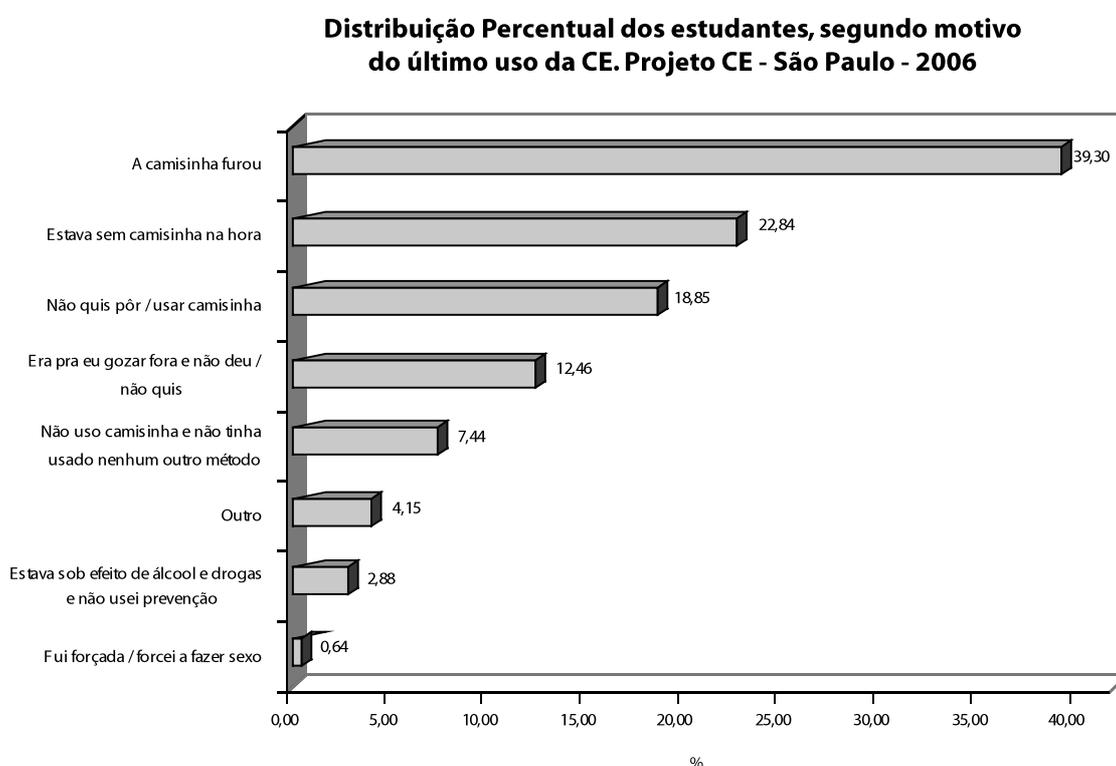


Tal comportamento de risco seria maior entre homens, visto que, apenas 19,3% deles afirmaram que não teriam a relação sem o preservativo, contra 53,2% das mulheres.

Relação do uso de contracepção de emergência com o uso de preservativos

Dos usuários de contracepção de emergência nos últimos 6 meses, 61,6% alegaram uso deste método devido ao não-uso de preservativo, sendo que 12,5%, inclusive, afirmaram que o utilizaram devido à realização mal-sucedida do coito interrompido.

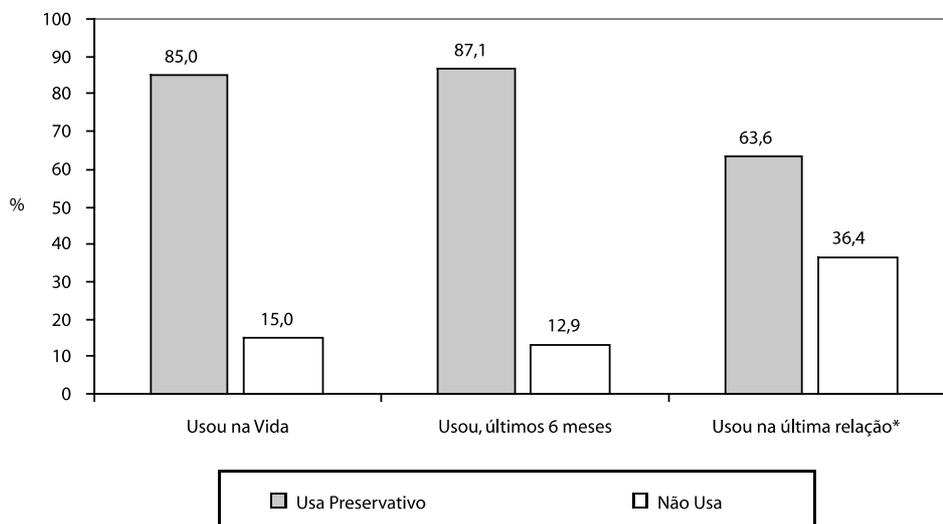
O motivo mais alegado para o último uso de contracepção de emergência foi o rompimento do preservativo (apontado por 39,3%), seguido da ausência deste método de barreira no momento do sexo (22,8%). Apenas 18,9% relataram que o motivo para o uso de contracepção de emergência foi a recusa em utilizar o preservativo masculino como método.



Dentre os que utilizaram o método de emergência na vida, 85,0% afirmaram usar atualmente camisinha nas relações sexuais. Esse uso é de 91,7% entre quem nunca utilizou a contracepção de emergência. Da mesma forma, entre os estudantes que afirmaram utilizar a contracepção de emergência nos últimos 6 meses, 87,1% referiram usar preservativo nas relações sexuais. Esse uso é semelhante entre quem não usou o método de emergência nos últimos 6 meses (87,0%).

O uso de preservativo entre quem utilizou a contracepção de emergência na última relação é de 64,0%, contra 85,9% dos que não usaram o método de emergência na última prática sexual.

Uso de CE, segundo uso de preservativo masculino.



Entre quem usou contracepção de emergência na vida, 40,2% afirmaram adotar o preservativo em todas as vezes que fazem sexo, contra 67,6% dos que nunca usaram o método de emergência, o que mostra que o método de emergência é mais consumido frente ao uso inconsistente do preservativo.

Entre usuários da contracepção de emergência nos últimos 6 meses, a freqüência de uso constante do preservativo é similar, de 37,9%, contra 56,9% de quem não fez uso do método de emergência nos últimos 6 meses.

Avaliando por meio de análise multivariada os fatores associados ao não-uso da camisinha nas estudantes do sexo feminino, verificou-se que aquelas que possuem parceiro fixo, que não se preocupam com a gravidez, que referiram já ter utilizado drogas e que utilizaram a contracepção de emergência mais de 2 vezes têm mais chances de não usar camisinha atualmente. O uso numa única vez da contracepção de emergência não se mostrou associada à não utilização de camisinha.

4. Conclusões

A pesquisa mostra que adolescentes têm ampla vida sexual ativa (55,6%), que se inicia por volta dos 15 anos.

Apesar de todos os estudantes conhecerem algum método contraceptivo, principalmente, os preservativos masculinos e as pílulas anticoncepcionais, 14,1% dos que mantêm prática sexual nunca utilizaram qualquer método e apresentam-se em risco quanto à gravidez não-planejada e quanto à ocorrência das DST/aids.

Um percentual significativo de estudantes mulheres (44,1%) nunca passou em serviços de saúde para atendimento em Saúde Sexual e Reprodutiva, embora, cerca de 40,2% tenham relatado a experiência de pelo menos algum sintoma de DST.

Dos meninos, um percentual ainda maior (78,2%) declarou nunca ter passado em consulta médica para verificar a saúde dos órgãos sexuais. Embora o percentual de meninos que já passaram por consulta médica (21,8%) seja baixo, está acima do que tem sido observado em outros estudos realizados com estudantes. Considerando que o público adolescente masculino vai pouco à serviços de saúde e que não há assistência voltada especificamente para ele na rede pública de saúde, cabe a realização de novos estudos para esclarecimento desses dados.

Apesar das determinações das políticas de incentivo a ações de promoção e prevenção de DST/aids orientadas pelo Programa Nacional de DST/aids e Ministério da Educação, mais de 1/3 dos estudantes (36,9%) nunca participou na escola de atividades que envolvam o tema sexualidade ou prevenção de gravidez e DST/aids e mais da metade (55,7%) nunca teve acesso a materiais educativos sobre esses temas.

A camisinha é o método mais utilizado pelos estudantes, sendo referido por 95,4% deles. Contudo, tem menor uso entre estudantes do período noturno, entre os que já engravidaram/engravidaram uma parceira e entre as meninas mais velhas e que têm relações com parceiro fixo. Nesses casos, a pílula e a injeção são os métodos contraceptivos mais utilizados. Quanto maior a idade, maior é o uso de pílula anticoncepcional.

A maioria (85,4%) dos jovens conhece a contracepção de emergência. Esse conhecimento é maior entre brancos e pardos com prática sexual, entre os que estudam no período noturno e os que têm chefia familiar de maior escolaridade. A informação sobre a contracepção de emergência vem, majoritariamente, por meio de amigos ou conhecidos (65,2%), indicando que pode ser, portanto, incorreta ou incompleta. Por isso, se verifica que, apesar da maior parte dos estudantes ter ouvido falar da contracepção de emergência, 41,4% revelaram não saber como utilizá-la e vale lembrar, que existe um grupo (16,9%) com informação distorcida sobre esse método, acreditando que seu uso pode ser realizado com freqüência.

Serviços e profissionais de saúde são citados como fonte de informação sobre contracepção de emergência por apenas 20,2% dos alunos. Isto indica que o seu uso não é orientado e nem prescrito por médicos. Além disso, existe um grupo de entrevistados que fica sabendo do método pelas próprias farmácias que comercializam o produto (16,1%). A terceira fonte de informação é a televisão.

A escola pouco informa (27%) sobre a contracepção de emergência e 86,3% dos alunos apontaram que desejam mais informações sobre o método.

Metade dos estudantes pesquisados (55,2%) conhece pessoas que usaram a contracepção de emergência, sendo que 76,1% desses conhecidos são também adolescentes. A maioria (59,1%) afirma que indicaria seu uso caso alguém necessitasse em risco de gravidez.

O uso deste método já foi feito por quase 1/3 (30,1%) dos adolescentes sexualmente ativos. Esse uso aumenta com a idade e é mais freqüente entre estudantes do noturno e entre adolescentes que já engravidaram.

O uso da contracepção de emergência costuma ser feito, principalmente (78,3%), em relações de risco realizadas com parceiro regular, indicando que o uso está associado ao mesmo fator que predispõe ao não-uso de preservativos, à sensação de proteção existente nas relações estáveis e fixas.

O uso da contracepção de emergência nos últimos 6 meses não apresentou associação com o não-uso da camisinha masculina entre pesquisados do sexo feminino e masculino, desde que esse uso tenha sido feito apenas uma vez na vida.

Verificou-se, no entanto, que, mais da metade dos estudantes que utilizaram a contracepção de emergência nos últimos 6 meses, fizeram uso repetido dela: 33,3% utilizaram 2 ou 3 vezes e 14,5% mais que 3 vezes. Neste último grupo, os motivos principais para o uso freqüente do método foram o não-uso proposital de preservativos (61,6%) e o rompimento do preservativo (39,3%).

Metade dos estudantes que usou a contracepção de emergência nos últimos 6 meses (52,2%) o fez uma única vez e voltou a utilizar seus métodos contraceptivos de uso regular, incluindo a camisinha masculina. Entre aqueles que usaram contracepção de emergência alguma vez na vida, 85% usam camisinha atualmente.

A contracepção de emergência foi usada na última prática sexual por 0,9% dos que já fizeram sexo na vida. Esses usam menos camisinha (64%) se comparados às pessoas que já usaram contracepção de emergência na vida, mas não na última relação.

Outro fator importante para o não-uso da camisinha é a existência de parceiro fixo. Portanto, meninas em relações com parceiros fixos abrem mão, propositalmente, do uso da camisinha, tendendo a utilizar com maior freqüência o contraceptivo de emergência.

O uso repetido da contracepção de emergência não é prática predominante entre os estudantes, mas atinge uma parcela importante de 14,5%, que erroneamente acredita que o método pode ser utilizado e é seguro como método contraceptivo de uso regular e freqüente. Esta informação aponta a necessidade de divulgação de informações para o público jovem sobre os riscos da prática de uso repetido, de forma que não apenas corrija esse uso distorcido, mas também evite o aumento desta parcela desinformada.

A camisinha masculina é o método mais adotado pelos jovens: 61,6% afirmam utilizá-la em todas as relações sexuais, fundamentalmente porque é apontada como preventivo para a gravidez, principalmente entre mulheres, e, em segundo lugar, porque pode prevenir as DST/aids.

A fidelização no uso de camisinha, no entanto, não é garantida em todas as relações sexuais. Mesmo entre os que utilizam atualmente o preservativo masculino, 15,1% afirmaram que teriam relação de qualquer jeito se estivessem sem este insumo no momento da relação. Esse percentual refere-se aos rapazes, embora na prática, como foi visto, a não fidelização ocorre também com as meninas com seus parceiros fixos.

Bibliografia consultada

- ANDALRAFT NETO, Jorge. Comportamento sexual na Adolescência – o papel da anticoncepção de emergência. *Jornal da SOGIA*, Ano 4, nº 6, jan,fev,março/2003.
- BELZER, Marvin & cols. Advanced Supply of Emergency Contraception for Adolescent Mothers Increased Utilization without Reducing Condom or Primary Contraception Use. *Journal of Adolescent Health*, n. 32(2), 2003. p.122-123.
- CAMP, S.L.; RAINE, T.R, & WILKERSON, D.S. The Benefits and risks of over-the-counter availability of levonorgestrel emergency contraception. *Contraception*, n. 69, 2003. p. 309-317.
- FIGUEIREDO, Regina. Contracepção de Emergência no Brasil: necessidade, acesso e política nacional. *Revista de Saúde Sexual e Reprodutiva*, IPAS Brasil, Setembro de 2004. [http://www.ipas.org.br/arquivos/10anos/Regina_CE2004.doc].
- FIGUEIREDO, Regina. *Relatório do Sub-Projeto II Treinamento de Formação de Multiplicadores em Contracepção de Emergência: voltando-se ao Público Adolescente*. Disponível em <http://www.redece.org/pesquisasbrasil.htm>. São Paulo, NEPAIDS, 2002.
- FIGUEIREDO, Regina; ANDALRAFT NETO, Jorge. Uso de Contracepção de Emergência e Camisinha entre Adolescentes e Jovens. *Jornal da SOGIA*, Ano 6, nº 15, abr,mai,jun/2005 [no prelo].
- FIGUEIREDO, Regina; PERES, Camila. Relatório da Pesquisa Estudo Exploratório sobre uso de contracepção de Emergência por Adolescentes,. *CD Room da 1ª Conferência del CLAE – Derecho a la Anticoncepción de Emergencia en América Latina y En Caribe, CLAE*, Quito, Ecuador, outubro de 2002. (Disponível em <http://www.usp.br/nepaids/cam-ce.pdf>).
- FOLHA DE SÃO PAULO. Cresce Distribuição de Pílula do Dia Seguinte. *Caderno Cotidiano – Folha de São Paulo*, 11 de abril de 2004.
- GALVÃO, Loren *et al*. Emergency Contraception: Knowledge, Attitudes and Practices Among Brazilian Obstetrician-Gynecologists. *International Family Planning Perspectives*, vol 25, Number 4, December, 1999.

IPAS-BRASIL. *Dados Parciais sobre Aborto Legal*. [<http://www.ipas.org.br>], acessado em abril de 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Anticoncepção de Emergência – perguntas e respostas para profissionais de saúde*, Brasília, 2005. [<http://www.redece.org/manualce2005.pdf>] MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Planejamento Familiar – manual para o técnico*, Brasília, 2004. [<http://www.redece.org/manualtecnico.pdf>]

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Prevenção e Tratamento dos Agravos Resultantes da Violência Sexual contra Mulheres e Adolescentes*, Brasília, 1998 - e re-editada em 2002. [<http://www.redece.org/normasvio.htm#norma>].

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Norma Técnica de Planejamento Familiar*, Brasília, 1996. [<http://www.redece.org/normapf.htm>].

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Levonorgestrel para Anticoncepção de Emergência*. PNUD, FNUAP, OMS, Banco Mundial, Boletim Informativo, março de 2005.

RAINE, Tina & cols. Direct Access to Emergency Contraception Through Pharmacies and Effect on Unintended Pregnancy and STIs – a randomized controlled trial. *Journal of the American Medical Association*, n. 293, 2005. p.54-62.

UNICEF. Relatório Situação da Adolescência Brasileira, disponível em: [<http://www.unicef.org/brazil>], 2002.

WHO/FRH/FPP. "Emergency Contraception: A guide to the provision of services". [http://www.who.int/reproductivehealth/publications/FPP_98_19/FPP_98_19_table_of_contents_em.html]

Sobre os Autores:

Regina Figueiredo

Socióloga, Mestre em Antropologia da Saúde, Pesquisadora Científica do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, Membro do Núcleo de Estudos para a Prevenção da AIDS na USP e Articuladora Nacional da Rede Brasileira de Promoção de Informações e Disponibilização da Contracepção de Emergência. Contato: reginafigueiredo@uol.com.br

Maria Cecília Goi Porto Alves

Estatística, Mestre e Doutora em Saúde Pública e Pesquisadora Científica de Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Contato: cecília@isaude.sp.gov.br

Maria Mercedes Escuder

Enfermeira, Mestre em Saúde Pública e Pesquisadora Científica de Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Contato: mescuder@isaude.sp.gov.br

Lígia Rivero Pupo

Psicóloga, Mestre em Medicina Preventiva e Pesquisadora Científica de Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Contato: ligia@isaude.sp.gov.br

editoração, ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 2799-9800 - 0800 0123401
www.imprensaoficial.com.br



INSTITUTO
DE SAÚDE



Rede Brasileira de Promoção
de Informação e
Disponibilização da
Contraceção de Emergência



GOVERNO DE
SÃO PAULO